

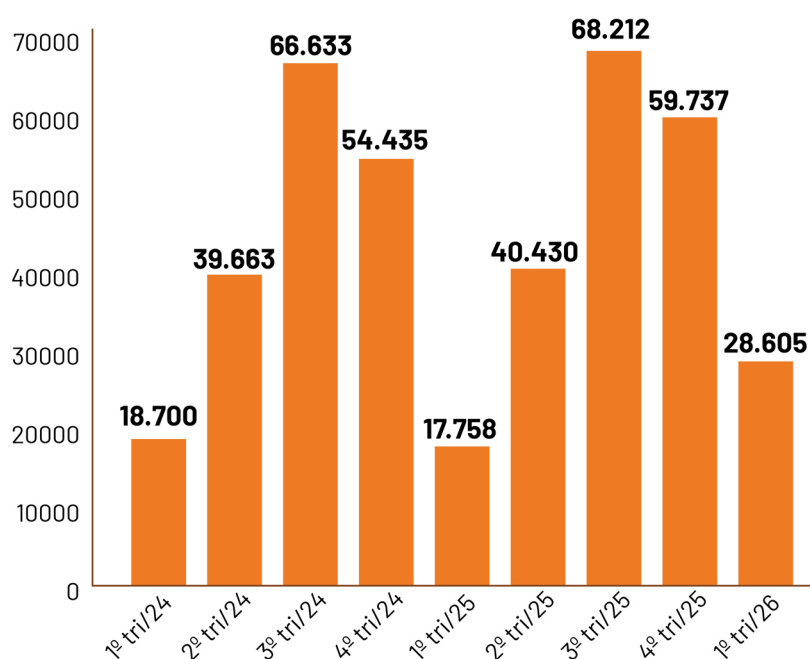
RECEBIMENTO DE CACAU CRESCCE 61% NO INÍCIO DE 2026, MAS MOAGEM SEGUE ESTAGNADA E EXPÕE GARGALO NA DEMANDA

Dados do primeiro trimestre indicam recomposição da oferta, sem reação equivalente da atividade industrial e das exportações

Após dois anos de menor disponibilidade de amêndoas de cacau no mercado brasileiro, o recebimento voltou a crescer de forma expressiva no início de 2026. Dados compilados pelo SindiDados – Campos Consultores e divulgados pela Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC) mostram que o recebimento somou 28.605 toneladas no primeiro trimestre, volume 61,1% superior ao registrado no mesmo período de 2025 (17.758 toneladas).

Na comparação com o quarto trimestre de 2025 (59.737 toneladas), há um recuo de 52,1%, comportamento esperado em função da sazonalidade da safra. “Embora haja crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior, o volume observado no primeiro trimestre ainda é significativamente inferior ao da safra principal”, afirma Anna Paula Losi, presidente-executiva da AIPC.

Gráfico 1 – HISTÓRICO TRIMESTRAL DE RECEBIMENTO DE AMÊNDAS DE CACAU – (EM TONELADAS)





Recebimento segue concentrado em Bahia e Pará

No recorte por origem, os dados do primeiro trimestre de 2026 confirmam a forte concentração regional da produção brasileira. Bahia e Pará responderam juntos por 96,5% do recebimento nacional no período.

A Bahia liderou com 16.208 toneladas (56,7% do total), crescimento de 38,9% em relação ao mesmo período de 2025, embora com leve redução na participação. O Pará somou 11.388 toneladas (39,8%), o que representa um avanço expressivo de 169,7% em relação ao ano anterior, ampliando seu peso na produção nacional.

Os demais estados seguem com participação residual. O Espírito Santo registrou 809 toneladas (-53,6%), enquanto Rondônia somou 177 toneladas (+48,7%).

O quadro reforça que a estrutura produtiva brasileira permanece altamente concentrada e pouco alterada, com dois estados respondendo praticamente pela totalidade da oferta nacional.

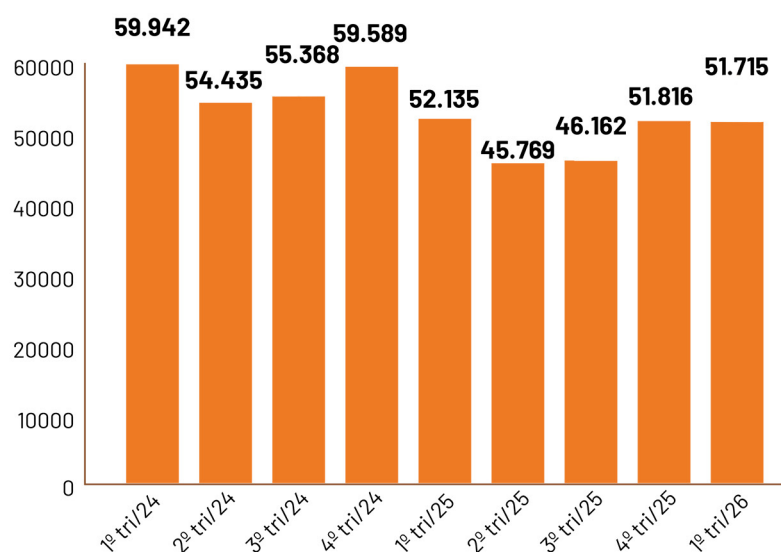
Moagem permanece estável mesmo com aumento da oferta

Apesar do avanço no recebimento, a moagem no primeiro trimestre de 2026 somou 51.715 toneladas, volume 0,8% inferior ao do mesmo período de 2025 (52.135 toneladas) e praticamente estável em relação ao quarto trimestre de 2025 (-0,2%).

O dado evidencia um descompasso entre a oferta e o processamento: há mais matéria-prima disponível, mas isso não se traduz em aumento da atividade industrial.

“O Brasil inicia 2026 com maior disponibilidade de cacau, mas sem reação equivalente na moagem e na comercialização. Esse descolamento mostra que, neste período, os principais limitantes à atividade industrial estão na demanda e na competitividade nos mercados internacionais. Mesmo com maior oferta e menor importação, a moagem permanece estável, indicando que o fator determinante é a capacidade de competir e atender à demanda por derivados nos mercados interno e externo”, afirma Anna Paula Losi, presidente-executiva da AIPC.

Gráfico 2 - HISTÓRICO TRIMESTRAL DE MOAGEM DE AMÊNDAS DE CACAU - (EM TONELADAS)



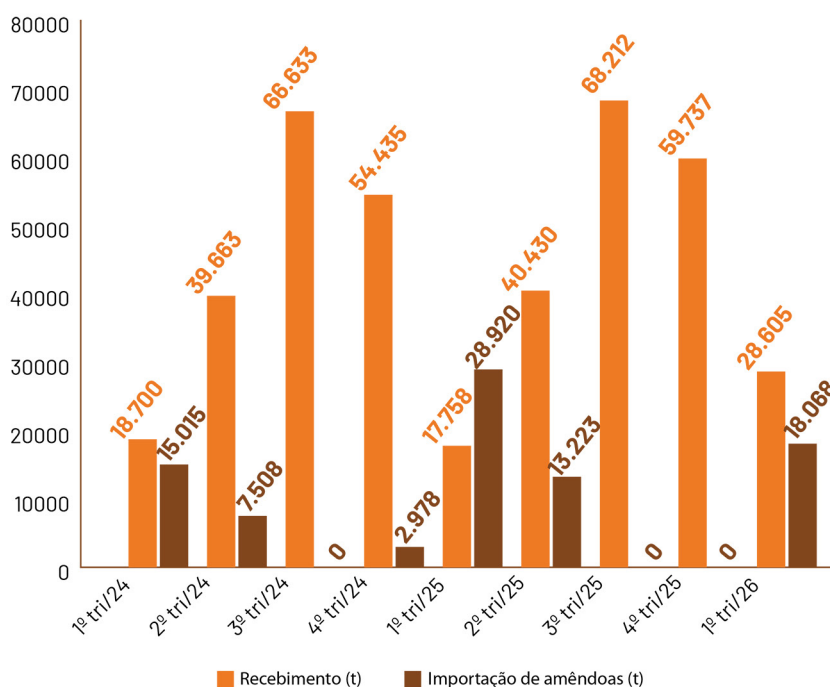
Importações recuam com maior oferta doméstica

No comércio exterior, o Brasil importou 18.068 toneladas de amêndoas no primeiro trimestre de 2026, redução de 37,5% em relação ao mesmo período de 2025 (28.920 toneladas).

O movimento ocorre em paralelo ao aumento do recebimento nacional e reflete o ajuste natural do mercado diante de maior disponibilidade interna e de queda na demanda por derivados, que já se verificava no ano anterior.

A AIPC ressalta que essa variação não decorre de medidas de restrição à importação, mas sim do ajuste natural do mercado diante das condições de oferta de amêndoas e de demanda por derivados.

Gráfico 3 - Histórico trimestral de Recebimento x Importação de amêndoas (em toneladas)



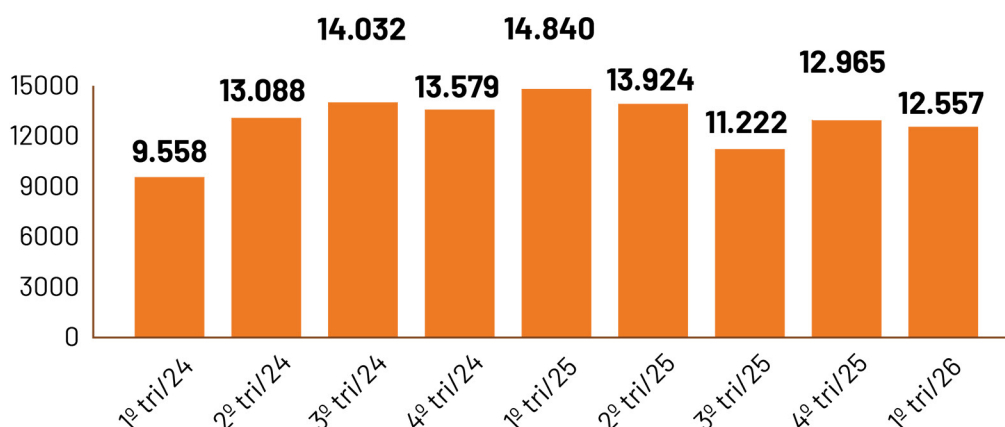
Exportações de derivados seguem abaixo do nível de 2025

As exportações de derivados de cacau somaram 12.557 toneladas no primeiro trimestre de 2026, queda de 15,4% em relação ao mesmo período de 2025 (14.840 toneladas) e de 3,1% em relação ao quarto trimestre de 2025.

A Argentina permaneceu como principal destino, com 47% do volume exportado, seguida pelos Estados Unidos (15%) e México (8%).

“O desempenho das exportações reforça um cenário de demanda mais moderada e a necessidade de competitividade. Sem isso, o Brasil perde espaço no mercado internacional e amplia a ociosidade da indústria moageira”, afirma Anna Paula Losi.

Gráfico 4 – Histórico trimestral de exportações de derivados (em toneladas)



As exportações de amêndoas permaneceram residuais no primeiro trimestre de 2026, com apenas 184 toneladas embarcadas, o que confirma que o Brasil não é um exportador relevante de matéria-prima e depende da industrialização para sustentar sua inserção no mercado internacional.

As importações de derivados somaram 12.166 toneladas, volume praticamente estável em relação ao mesmo período de 2025 (-2,4%).

Segundo Anna Paula, “o movimento indica pressão competitiva sobre a indústria nacional, com parte da demanda atendida por produtos importados devido a custos e condições de mercado”.



Segundo Anna Paula "os dados do primeiro trimestre reforçam que o principal limitante da atividade industrial neste momento é a demanda, e não o acesso à matéria-prima. Nesse contexto, a adoção de medidas que desconsiderem a dinâmica operacional e comercial do setor pode gerar efeitos contraproducentes, ao comprometer a competitividade da indústria justamente em um momento de recomposição da oferta doméstica. O resultado tende a ser a redução da capacidade de absorção do cacau nacional, retração das exportações e aumento da ociosidade industrial, com impactos negativos ao longo de toda a cadeia produtiva".

Mercado internacional de cacau

Desde o início de 2026, os preços futuros do cacau aprofundaram a trajetória de queda já observada ao longo de 2025. Em poucos meses, os contratos negociados em Nova Iorque e Londres recuaram cerca de 50%, retornando a níveis mais próximos da média histórica, em torno de US\$ 3.000 por tonelada. O movimento sucede à escalada registrada entre o fim de 2023 e 2024, quando a percepção de escassez levou as cotações a máximas históricas.

A reversão está associada, sobretudo, à mudança nas expectativas sobre o balanço global. Após três safras consecutivas de déficit, o mercado passou a precificar os excedentes nas temporadas mais recentes. As estimativas da StoneX indicam um déficit de cerca de 490 mil toneladas em 2023/24, seguido por superávits de 46 mil toneladas em 2024/25, 287 mil em 2025/26 e 267 mil em 2026/27. Esse encadeamento sugere a recomposição gradual dos estoques e a redução do prêmio de risco incorporado aos preços.

No lado da oferta, a melhora relativa no Oeste Africano permanece como principal fator de atenção. Costa do Marfim e Gana apresentam recuperação parcial após o ciclo adverso de 2023/24, com condições climáticas mais favoráveis e menor incidência de problemas fitossanitários. Ainda que persistam fragilidades estruturais, a redução do risco extremo contribuiu para a inflexão das cotações.

Mudanças na geografia da produção também têm reduzido a sensibilidade a choques localizados. O Equador se destaca pelo crescimento consistente da produção, com potencial para atingir cerca de 650 mil toneladas em 2026/27, aproximando-se dos volumes de Gana.



Mais do que a recuperação produtiva, a desaceleração da demanda tem sido determinante para o movimento dos preços. O choque anterior levou a indústria a ajustar formulações e reduzir o uso de cacau, com efeitos mais evidentes ao longo de 2025 e início de 2026. A queda de 7,7% nas moagens globais no quarto trimestre de 2025 ilustra esse processo. Embora haja sinais de melhora nas margens de moagem, a recuperação tende a ser gradual.

Fatores climáticos e macroeconômicos seguem no radar. A possível transição para El Niño em 2026 pode afetar a produção, enquanto os custos energéticos e as incertezas geopolíticas continuam a influenciar preços e consumo. No conjunto, o cenário aponta para continuidade da acomodação das cotações, sustentada por excedentes e demanda ainda fragilizada, com preços em patamares historicamente mais equilibrados.

Análise: Lucca Bezzon, StoneX